



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11498 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

A ERA DOS INVENTOS: ALFABETOS E CÓDIGOS PARA A IMPRESSÃO DE LIVROS PARA CEGOS (SÉCULOS XVIII-XIX)

Tatiana de Andrade Fulas - PUC-SP/PPGE História, Política, Sociedade - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq; Capes

A ERA DOS INVENTOS: ALFABETOS E CÓDIGOS PARA A IMPRESSÃO DE LIVROS PARA CEGOS (SÉCULOS XVIII-XIX)

A produção de livros com letras e códigos em relevo para a leitura de cegos tem início na França em 1784. Ao longo do século XIX, diversos alfabetos foram criados por inventores de diferentes países, inspirados no alfabeto romano e na estenografia, sendo o código de Louis Braille apenas mais um dentre tantos outros. Congressos e reuniões regionais vinham ocorrendo desde a década de 1830, quando a diversidade de livros impressos com letras em relevo começou a ser problematizada pelos educadores de cegos. O Congresso Universal para Melhoria da Situação dos Cegos e Surdos-Mudos, ocorrido na Exposição Universal de Paris de 1878, prometia ser o marco do fim da “batalha dos tipos” e da “guerra dos pontos” que vinha suscitando acaloradas discussões em defesa dos alfabetos em uso (CONGRÈS, 1879). Havia os partidários do alfabeto romano, o mesmo utilizado na impressão de livros em tinta; e havia os defensores dos alfabetos arbitrários, compostos por pontos, traços, círculos, semicírculos e toda sorte de sinais inspirados na estenografia e em outros sistemas de escrita que estavam sendo desvendados naquele período. O objetivo deste estudo é analisar quem foram os inventores, como criaram seus alfabetos ou códigos, em que contexto surgiram, quais os títulos impressos e para quem, e como a tecnologia da indústria editorial influenciou a produção de milhares de livros distribuídos em escala transnacional, com o apoio de sociedades filantrópicas e do Estado. O *corpus* documental da pesquisa é composto por atas de congressos, relatórios de institutos, biografias, autobiografias, fotografias, periódicos,

memorandos administrativos, registros contábeis, catálogos e correspondências coletados em arquivos dos Estados Unidos, Inglaterra, Escócia e França. O referencial teórico e metodológico tem como base a nova paleografia proposta por Armando Petrucci (1999; 2002a; 2002b), considerando a criação de alfabetos como algo mais que um sistema ordenado de sinais gráficos, mas compreendido do ponto de vista da luta de uma minoria por se apropriar de um veículo de comunicação monopolizado pelos grupos de poder. Como perspectiva de análise estão as contribuições da história transnacional e da história comparada, por meio dos estudos de Sobe (2002), Seigel (2005), Roldán-Vera e Caruso (2007) e Fuchs (2014). Foram identificados 12 inventores de alfabetos e códigos, criados entre 1784 e 1868 nos seguintes países: França (Paris), Áustria (Viena), Escócia (Edimburgo, Glasgow), Inglaterra (Bristol, Brighton, Londres) e Estados Unidos (Boston, Filadélfia, Nova York). Dentre os adeptos do alfabeto romano estavam o francês Valentin Haüy e sua letra cursiva; o escocês James Gall com a letra triangular e seu conterrâneo John Alston, que preferia a letra toda maiúscula com traços retos. Entre os norte-americanos, a predileção pelas letras maiúsculas e minúsculas desenvolvidas nas prensas do instituto Perkins fez do alfabeto criado por Samuel Gridley Howe em 1834 o oficial das escolas de todo o país por mais de quatro décadas. Ao código de pontos de Louis Braille criado em 1825, seguiram-se os alfabetos arbitrários dos ingleses Thomas Mark Lucas e James Hatley Frere, que usavam traços, círculos, semicírculos e sinais estenográficos, assim como o de William Moon, que esteve em uso na Inglaterra até 2012. Os principais financiadores desses projetos eram as sociedades bíblicas, que custeavam a impressão das Escrituras nos diversos alfabetos. Os missionários colaboravam com a circulação transnacional da Bíblia e de outros textos religiosos por meio de seu trabalho nas colônias da Índia, China, Austrália e Canadá (MILES, 1998). Manuais escolares, com disciplinas compatíveis com aquelas oferecidas na escola comum, assim como obras de literatura, foram produzidas nos institutos e editoras especializadas, com os professores e diretores assumindo o papel de autores desses materiais didáticos. O projeto de uniformização e universalização do código braille só começou em 1951, quando a Unesco, um órgão multilateral, promoveu o diálogo entre os países de línguas afins para que, de fato, os leitores cegos pudessem ter acesso a um único tipo de codificação. Até então, estava em usos em países da Europa e da América do Norte versões “adaptadas” do código inventado por Louis Braille (UNESCO, 1951). O efeito colateral dessa ação foi a destruição de milhares de livros impressos com os alfabetos extintos. A pesquisa revela que a adoção do código braille perpassou um período de acirradas disputas entre os inventores e os professores dos institutos, ao mesmo tempo em que emergiam os pressupostos para a educação de cegos nas escolas comuns. O uso do código de pontos “original” levaria quase dois séculos para ser implementado em todo o mundo, tendo sua eficiência e economicidade questionada até o século XXI.

Palavras-chave: educação de cegos; história transnacional; história do livro; material didático; história da cultura escrita.

Referências bibliográficas

ALSTON, John. *Narrative of the progress of printing for the blind at the Glasgow Institution*. Glasgow: Scottish Guardian Office, 1838.

CONGRÈS Universel pour l'amélioration du sort des aveugles et des sourds-muets. Paris: Imprimerie Nationale, 1879.

BRITISH and Foreign Bible Society. *Brief view of the plans and operations*, 1st June 1871.

FUCHS, Eckhardt. History of Education Beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. In: Bagchi, Barnita; Fuchs, Eckhardt; Rousmaniere, Kate (ed.). *Connecting Histories of Education*. Transnational and Cross-cultural Exchanges in (Post-) colonial Education. New York/Oxford: Berghahn, 2014.

GALL, James. *A historical sketch of the origin and progress of literature for the blind: and practical hints and recommendations as to their education*. Edinburgh: James Gall, 1834.
HAÛY, Valentin. *Essai sur l'éducation des aveugles*. Paris: s.n., 1786.

LUCAS, T. M. *Instructions for teaching the blind to read with the Britannic or Universal Alphabet and embossing their lessons, &c.* Bristol: Philip Rose and Son, 1837.

MILES, M. *Blind & sighted pioneer teachers in 19th Century China & India*. 1998. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED414701>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

MOON, William. *A brief account of the success of the work during thirty-three years – From June 1847, to March 1880*. Brighton: Moon Institution, 1880.

OSSENBACH, Gabriela; DEL POZO, Mariía del Mar. Postcolonial Models, Cultural Transfers and Transnational Perspectives in Latin America: A Research Agenda. *Paedagogica Historica*, 47:5, pp. 579-600, 2011.

PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedade*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primeira lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002a.

PETRUCCI, Armando. Un paseo por los bosques de la escritura. Una entrevista de António Castillo Gómez. *Litterae: Cuadernos sobre Cultura Escrita*, nº 2, pp. 9-37, 2002b.

ROLDÁN-VERA, Eugenia; CARUSO, Marcelo (ed.). *Imported modernity in post-colonial state formation*. The appropriation of political, educational, and cultural models in nineteenth-century Latin America. Berlin: Peter Lang, 2007.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method After the Transnational Turn.

Radical History Review, v. 91, pp. 62-90, 2005.

SOBE, Noah W. Travel, Social and the Making of Nations in Early 19th Century Comparative Education. In: Caruso, Marcelo; Tenorth, Heinz-Elmar. *Internationalisierung. Internationalisation*. Frankfurt am Main: Peterlang, 2002.

UNESCO. Committee of experts on the establishment of a World Braille Council. Paris: Unesco, 1951. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147824>>. Acesso em: 22 abr. 2021.